



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

IDENTIDADE CULTURAL NA LITERATURA INFANTIL AFROBRASILEIRA

Ruth Ceccon Barreiros
(UNIOESTE/PG-UFBA)

ruthcb@uol.com.br

Nancy Rita Ferreira Vieira (orientadora)
(UFBA)

nancyrfv@gmail.com

O fenômeno da globalização mudou as formas de interação e convivência entre os indivíduos, apresentando reflexos nas diversas culturas, que são (re)valorizadas em suas particularidades locais. Nesse contexto, a identidade cultural, que é constituída nas relações entre os indivíduos que compartilham do mesmo patrimônio como a língua, os costumes, os valores, as artes, a religião, o folclore, o trabalho, entre outros, também é transformada. Algumas expressões são marcantes nessa dinâmica global das sociedades e dos dilemas do pensamento, Ianni (1999) apresenta algumas delas,

Novo Mundo, Ocidente, Oriente, África, Mercantilismo, Globalismo, Nacionalismo, Tribalismo, Trabalho Escravo, Trabalho Livre, Escravo e Senhor, Alienação e Revolução. E estas podem ser outras: Palavras, palavras, palavras. Penso, logo existo. Imperativo categórico. Quando as sombras da noite começam a cair é que levanta vôo o pássaro de Minerva. Tudo que é sólido desmancha no ar. Desencantamento do mundo. Modernidade, Pós-modernidade. São expressões, dentre muitas outras, nas quais se sintetizam inquietações, realizações, explicações, ilusões e alucinações. (IANNI, 1999, p.11, *in* VALENTE, André)

As expressões elencadas por Ianni, inserem-se nas várias teorias do pensamento moderno e/ou pós-moderno ou, ainda, como prefere Hall (2006), retomando Frederic Jameson, na “modernidade tardia”, permeada pelo “caos”, cujos reflexos estão nas várias áreas do conhecimento, inclusive na literatura e crítica literária, que propõem novos olhares para o que já se julgava bastante conhecido.

Nesse contexto de globalização, as identidades culturais mostram-se com contornos pouco nítidos e inseridos em uma dinâmica cultural fluída e móvel. Para Hall (2006, p.7), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Considerando-se as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

transformações identitárias em processo mundial, o presente ensaio pretende a partir da obra literária infantil de temática afrobrasileira “As tranças de Bintou”, situar a questão de identidade étnico-racial negra no Brasil e responder a pergunta: a literatura infantil de temática afrobrasileira possibilita a formação identitária do leitor/criança afrodescendente em uma perspectiva afirmativa? Com esse questionamento procuraremos compreender os aspectos da formação de identidade e de “pertencimento”, revelados na obra.

Para essas reflexões pautar-nos-emos nos estudos propostos por Stuart Hall em “A identidade Cultural na pós-modernidade” e “Da Diáspora: identidades e mediações culturais”, bem como em outras fontes, procurando depreender as repercussões da globalização na identidade cultural e associando-as a obra literária escolhida para as reflexões.

A DIÁSPORA E IDENTIDADE CULTURAL E LITERATURA

O fenômeno diaspórico pode ser compreendido como o espalhamento dos povos por países que não lhes são de origem, seja por opção em busca de melhores oportunidades, seja de forma forçada. No Brasil quando se trata da etnia negra, nosso foco nesse estudo, aconteceu no período de uso da mão de obra escrava, quando muitos deles vieram de diversas regiões da África. Em ambos os casos, isto é, quando a migração ocorre em busca de melhores oportunidades ou de forma forçada, como é o caso do Brasil, esse processo interfere diretamente na construção da identidade cultural, uma vez que a nova cultura não é aceita totalmente, preservando alguns aspectos das origens e tradições. Conforme Hall (2003), “Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu interior” (HALL, 2003, p.28). É essa concepção iluminista de identidade que se vê abalada na “modernidade tardia”. Para o mesmo autor “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (2003, p.13). Em contexto de



transformação o fenômeno da diáspora reflete-se não apenas na história, mas também na literatura.

Os movimentos de Negritude foram fortalecidos a partir da década de 60, do século XX, quando o continente africano foi marcado pela descolonização dos países dominantes, cujo processo traz reflexo direto aos negros das Américas e do Caribe. Desses movimentos resultam a valorização das culturas populares, das características negras e as miscigenadas de afrodescendentes, fortalecendo a “consciência racial”.

No Brasil, em consonância com os movimentos mundiais de “deslocamentos”, a luta dos movimentos sociais pelo reconhecimento da importância da cultura negra na História do Brasil e, conseqüentemente de uma formação de identidade, se faz presente há décadas conforme pesquisadores (FERNANDES, 1978). Dentre as reivindicações que são essenciais para esse reconhecimento, estão o acesso à educação formal como meio de oportunizar aos negros e afrodescendentes, escolarização. Em 20 de novembro de 1995, por ocasião da realização do Evento “*Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo, Pela Cidadania e a Vida*” foi apresentado ao Estado Brasileiro um Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial que continha várias propostas anti-racistas. No que tange à educação, podemos citar, entre outras:

Desenvolvimento de programas permanentes de treinamento de professores e educadores que os habilite a tratar adequadamente com a diversidade racial, identificar as práticas discriminatórias presentes na escola e o impacto destas na evasão e repetência das crianças negras. (Educação Anti-Racista: Caminhos Abertos pela Lei Nº 10639/03 , 2005, SANTOS, p.25)

O processo educativo, foco das reivindicações do Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial, foi dinamizado a partir da Lei 10639/03, ainda que já se faça presente em outros documentos anteriores, por exemplo, na Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A Lei 10639/03 propõe reflexões relevantes, para implementação de ações educacionais que busquem a superação do racismo e a valorização da identidade afrodescendente, incluindo o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição desse povo nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.



De acordo com a SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do Ministério da Educação e Cultura/ MEC, a temática proposta pela Lei nº 10.639/03 deve ser inserida no cotidiano dos alunos por meio das disciplinas que compõem o currículo escolar, sobretudo nas disciplinas de história, literatura e artes.

Nessa perspectiva, a Literatura Infantil, em suas variadas formas de expressão, torna-se um importante instrumento para o trabalho educacional com as crianças das séries iniciais, considerando-se que ela representa uma ação catalisadora no descobrimento das causas dos conflitos pessoais das crianças. Considerada, como forma de ludicidade importante na vida dos pequenos: por manipular a linguagem verbal, pelo papel que desempenha no crescimento psicológico, intelectual e espiritual da criança; pela riqueza de motivação, de sugestões e de recursos que oferece, podendo, portanto, contribuir sobremaneira na formação identitária e leitora do infante.

A Literatura Infantil mais presente no meio escolar, de referências culturais marcadamente etnocêntricas que buscam construir uma imagem de integração, o fazem a partir do embranquecimento das personagens negras. Esse apagamento impediu e impede há décadas, que a criança afrodescendente se veja ali representada e aos não negros de adquirirem, por meio desse recurso, a literatura infantil, respeito e conhecimentos sobre essa cultura. No contexto brasileiro, é necessário, ainda, compreender e considerar que a cultura africana não diz respeito apenas aos afrodescendentes uma vez que o Brasil é um país pluriétnico, sendo assim tanto brancos quanto os afrodescendentes compartilham de cultura multirracial.

Nesse sentido, o movimento de “descentramento” dos conceitos das identidades modernas veio possibilitar um novo cenário, exigindo uma revisão de conceitos até então aceitos como estáveis. Nesse contexto, insere-se a aprovação da Lei 10639/2003, sem desconsiderar os movimentos étnico-raciais anteriormente empreendidos, que apresentam como reflexos, hoje, mais que antes, a presença da Literatura Infantil de temática afrobrasileira nas escolas, o que nos parece bastante positivo, ainda que o acervo seja, por enquanto, limitado.

A FORMAÇÃO LEITORA NA INFÂNCIA



A Educação Básica brasileira carece de formação leitora proficiente, que amplie os conhecimentos desde a infância. A literatura infantil, pelo seu aspecto lúdico é, neste contexto, um recurso valioso, uma vez que pode auxiliar na preparação de leitores críticos com capacidade de refletir sobre as inúmeras questões presentes na sociedade, dentre elas as questões étnicas. Neste viés, formar leitores por meio da literatura infantil de temática afrobrasileira pode colaborar com a renovação de valores no que tange ao respeito à diversidade étnica na sociedade. É importante considerar também que o acesso aos textos literários possibilita a expansão da capacidade de comunicação, de compreensão da linguagem e, conseqüentemente, do acesso aos demais bens culturais de uma sociedade.

Uma formação eficaz em leitura pressupõe transformações na visão de mundo em geral e na de cultura em particular. É por meio da leitura proficiente que se estrutura e consolida a cidadania, a personalidade, a criatividade, e o desenvolvimento intelectual do indivíduo. Aliada a todas estas questões, a leitura deve ser tratada como fonte de prazer. Quando se percebe na leitura o prazer, a magia e o poder transformador que ela possui, conforme Freire (2006), o desejo de conhecer dá lugar ao prazer e tem-se aí um leitor cativado para sempre.

No Brasil, após a implementação da Lei 10.639/2003, muitas obras de literatura infantil estão sendo publicadas ou (re)editadas, buscando atender uma demanda educacional sobre o tema. No espaço escolar, a presença destas obras literárias, aliadas a outras ações, estão sendo implementadas no sentido de formar leitores e contribuir para a construção de uma sociedade que se reconheça pluriculturalmente.

Nesse sentido, compreender as representações veiculadas pelo discurso e refletir na escola sobre a diversidade etno-racial significa reconhecer as diferenças, respeitá-las e colocá-las na pauta das nossas reivindicações, no cerne do processo educativo desde os primeiros anos escolares.

Pode-se afirmar que a literatura, pelo seu caráter simbólico, pode contribuir para reflexões que rompam com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Partindo-se desse pressuposto, entende-se que uma formação leitora proficiente, por meio da literatura infantil, seja fundamental para a ampliação de conhecimentos e a formação cidadã. Quanto à literatura infantil de temática afrobrasileira, esta contribuirá para a superação de muitos preconceitos presentes não apenas no meio escolar, mas em toda a sociedade. Compreende-se que todo preconceito, via de regra, tem sempre como base a falta de conhecimento sobre o assunto. Assim, uma vez superada esta ignorância por meio da aquisição do conhecimento, tendo como mediadora a leitura, pode-se, também, superar os preconceitos.

IDENTIDADE CULTURAL AFROBRASILEIRA: “AS TRANÇAS DE BITOU”

A obra literária “As tranças de Bintou”, de Sylviane Diouf, tem como título original “*Bintou’s Braids*”, traduzida por Charles Cosac e ilustrada por Shane W. Evans, da Editora Cosac Naify, foi publicada em 2004. De acordo com informações coletadas sobre a obra, a cultura ali representada é das meninas senegalesas. A história não traz marcas de tempo nem de espaço, embora seja possível inferir pelas ilustrações que o espaço seja alguma região da África. As traduções já existentes estão na França e no Brasil, sendo a primeira publicação americana, realizada pela Chronicle Books, em 2001.

A história tem como protagonista a menina Bintou, de etnia negra, cujo sonho é ter tranças “enfeitadas com pedras coloridas e conchinhas”. Já nas primeiras páginas do livro ela anuncia, “Meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo é bobo e sem graça. Tudo o que tenho são quatro birotos na cabeça”. A partir daí, o enredo centra-se nos conflitos da menina Bintou em relação à tradição cultural Negra, na qual as meninas não podem usar transas enfeitadas por contas coloridas o que é permitido apenas às mulheres jovens e adultas. Sentindo-se feia com seus birotos passa a observar as mulheres mais velhas, uma delas a jovem irmã Fatou que usa tranças e por isso é mais bonita na sua concepção. Para Fagundes (2001),

o cabelo do afrodescendente certamente é parte intrincada do perfil estético que compreende a identidade negra. A relação que cada um tem com seu



cabelo é muito particular. O fato de saber ou não lidar com ele determina a forma como é aceito. Além disso, as possibilidades de informação que cada um tem e as experiências vividas desde a infância até a idade adulta fazem com que as pessoas criem diferentes conceitos sobre a forma como encaram seu cabelo e traços, descendentes das populações que vieram do continente africano. Há também que se considerar as noções de alteridade que cada um tem, que em geral causam um “despertar” para o reconhecimento de uma identidade própria, frente ao espelho e à sociedade” (Disponível em: <http://www.Ipp-uerj.net/olped/documentos/pppcor/0349.pdf>. Acesso em: 20/02/2007)

Compartilhamos do pensamento de Fagundes, considerando-se os cabelos bem como a arte de trançar cabelos crespos e lanosos não só marca a identidade de africanos e afrodescendentes brasileiros, como representa um dos laços culturais que une o Brasil à África.

Em “As tranças de Bintou”, a história inicia-se com a protagonista recebendo a avó em sua casa que veio para a festa de “batizado” do irmão recém nascido. É preciso lembrar que o termo “batizado”, utilizado na tradução da obra no Brasil, não tem o mesmo significado religioso na cultura africana. Nessa cultura, a escolha do nome do recém nascido carrega o sentido de reverência aos ancestrais que servirão como referência para escolha do nome da criança.

A cerimônia é descrita de forma a dar ao leitor conhecimento de como é esse ritual na África. Uma festa que reúne muitos parentes e na qual é servida muita comida com duração de até nove dias, isto é, quando se trata de uma recém nascida menina a festa dura sete dias, quando menino nove dias e no caso de gêmeos oito dias. Terminada a cerimônia, Bintou vai à praia, local em que a menina gostava de brincar. Nesse dia, presencia dois amigos se afogando e corre até a vila para pedir socorro (este é o clímax do enredo). Os meninos são salvos pelos pescadores que Bintou conseguiu trazer até a praia. Por este feito Bintou é aclamada por parentes e amigos da vila pelo ato heróico. Em função disso, a mãe de Bintou concede-lhe a realização de um sonho. Quando a mãe lhe pergunta o que deseja, sua irmã Fatou responde: “Ela sonha ter tranças”. Nessa noite, ela sonha ter tranças e passarinhos coloridos aninhavam em seu cabelo. No dia seguinte, sua avó chama-a e senta-a entre as pernas para arrumar-lhe o cabelo. Primeiro passa óleo perfumado, mas Bintou sente que ela não estava fazendo tranças e sim birotos. Ao terminar o trabalho, a avó lhe dá um espelho e pede para que



olhe, então pode ver uma menina com birotos enfeitados com pássaros coloridos, mas não se decepciona.

Logo no início da obra, é possível perceber a baixa autoestima da protagonista-narradora, quando Bintou afirma não se sentir bonita por não pode usar as tranças coloridas, as quais, de acordo com a cultura africana, são reservadas as mulheres jovens e adultas.

No desenrolar da trama, o grau de infelicidade vai aumentando à medida que Bintou observa e inveja outras mulheres com tranças e, inconformada, questiona aos mais velhos sobre essa condição. Na obra, as explicações procedem da personagem da avó, mais velha, e por isso detentora de sabedoria – outro marco de identidade cultural – os porquês de as meninas não poderem usar as tranças. É quando ela é informada que os *birotos* significam um ritual de passagem da infância para a adolescência, suscitando a idéia de que a criança deve vivenciar todas as etapas da vida, sem pressa de chegar à idade adulta. Como justificativa para o fato de as meninas não poderem ter tranças a avó explica: “Há muito tempo existia uma menina chamada Coumba que só pensava no quanto era bonita, (...) Todos a invejavam e ela foi se tornando uma menina vaidosa e egoísta. Foi nessa época, e por isso, que as mães decidiram que as crianças não usariam tranças, só birotos, porque assim elas ficariam mais interessadas em brincar e aprender”.

Essa referência cultural é fundamental na história, pois possibilita reflexões sobre a condição de ser/criança em processo de maturação, uma vez que toda criança, de qualquer etnia, deseja ser, o mais rápido possível, um adulto. Por um lado, a explicação dada pela avó, embora esteja calcada na cultura africana, pode levar crianças de outras etnias às reflexões sobre a necessidade de respeitar as etapas da vida. Por outro, por estar pautada em uma identidade cultural, tendo como foco os cabelos na etnia negra, colabora na afirmação da identidade de crianças afrodescendentes.

Cabe salientar que a história como um todo apresenta várias outras marcas identitárias da cultura negra que poderão ser exploradas em futuras reflexões, porém, nesse estudo ficaram reservadas às relativas ao cabelo.

No final, a história aponta para uma questão fundamental na construção da identidade afrodescendente expressa pela atitude de Bintou que diante da tradição cultural herdada, mesmo não tendo conquistado as tão sonhadas tranças, recupera a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

autoestima, reconhecendo beleza estética nos birotos enfeitados. Respeita, assim, o aspecto tradicional de sua cultura, permanecendo na condição de criança em crescimento e feliz. Isso é demonstrado no pensamento de Bintou “Foi-se a menina sem graça com quatro birotos na cabeça. No espelho, aparece uma garota com um lindo cabelo olhando para mim. Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. O sol me segue e estou muito feliz”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra analisada, que tem uma protagonista-narradora, procura dar voz à criança para que exponha seus conflitos identitários. Essa perspectiva narrativa mostra-se interessante por aproximar o público leitor infantil de modo geral, quando traz questionamentos fundamentais sobre o que é ser criança. Em relação à questão de identidade das crianças afrodescendentes, cujas representações são pautadas pelo cabelo, possibilitam, às crianças descendentes da etnia negra, ver-se representada, fortalecendo a questão do pertencimento. Para Lody (2004), “a cabeça é território livre, ancestral e contemporâneo, dinâmico e tradicional. Define a identidade e traduz o sentimento de pertencer a um grupo” (2004, p.30).

Nesse sentido, a obra “As tranças de Bintou” colabora, com posturas afirmativas, à construção e valorização da identidade afrodescendente. Isso é relevante em um país como o Brasil em que a diáspora africana ocorreu de forma impositiva e violenta, com a extinção e apagamento de pilares fundamentais da matriz africana ao longo dos séculos.

Desse modo acreditamos que as obras de literatura infantil que resgatam traços dessa cultura são de suma importância na formação cultural e identitária das crianças, especialmente em contexto escolar, sobretudo para as afrodescendentes, por se verem representadas nessas obras literárias.

Assim, a presença da obra “As tranças de Bintou” no mercado editorial e nas escolas confirmam a emergência das literaturas de minoria no contexto pós-moderno ou



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de modernidade tardia, como resultado dos movimentos de Negritude intensificados a partir da década de 60.

BIBLIOGRAFIA

FERNANDES, Florestan. **A integração do Negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 3ª Ed. 1978.

FERNANDES, Raphaela M. **Penteado Afro**: Cultura, Identidade e Profissão. Disponível no site: <http://www.Ipp-uerj.net/olped/documentos/pppccor/0349.pdf>. Acesso em: 20/02/2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 2006. 48. ed. São Paulo: Cortez.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. (Org.) Liv Sovik; tradução Adelaine La Guardiã resende...[et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro-11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LODY, Raul G. da M. **Cabelos de Axé**: Identidade e resistência. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004.

SANTOS, Augusto Sales. **A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do movimento negro**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. (*in* Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03)